

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

ANA PAULA GHIZZO ALVES

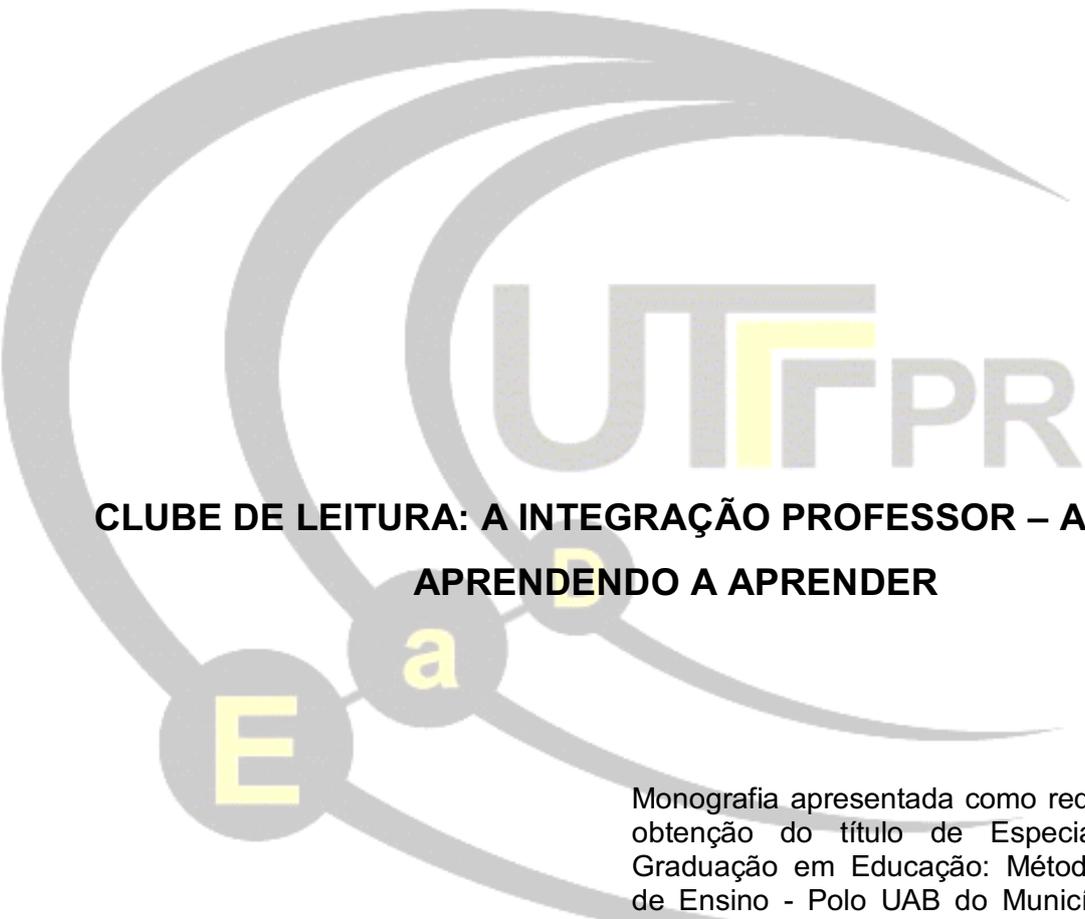
**CLUBE DE LEITURA: A INTEGRAÇÃO PROFESSOR – ALUNO NO  
APRENDENDO A APRENDER**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2020

ANA PAULA GHIZZO ALVES



**CLUBE DE LEITURA: A INTEGRAÇÃO PROFESSOR – ALUNO NO  
APRENDENDO A APRENDER**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Foz do Iguaçu, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Profº. MSc. Cidmar Ortiz dos Santos

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2020



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

Clube de leitura: a integração professor – aluno no aprendendo a aprender

Por

**Ana Paula Ghizzo Alves**

Esta monografia foi apresentada às 10h do dia 03 de outubro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Foz do Iguaçu-PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Prof. Me. Cidmar Ortiz dos Santos  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
Orientador

Profª. Dra. Maria Fatima Menegazzo Nicodem  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
Membro da Banca

Profª. Me. Flóida Moura Rocha Carlesso Batista  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
Membro da Banca

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

Dedico o presente trabalho a todos que, contrariando o que lhes é predeterminado por questões sociais, resistem e encontram formas de educar a si mesmos e aos outros. A todos os professores e àqueles que acreditam e lutam por uma educação pública de qualidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Àqueles que são minha fonte de amor, força e coragem: minha Mãe, Maria Salete, e meu pai, Valdivino, que sempre se doaram, fazendo o que fosse possível e, aparentemente, impossível para garantir que eu seguisse meus sonhos, superando qualquer adversidade.

Ao meu orientador professor Dr. Cidmar Ortiz dos Santos pelas orientações e produtivos devaneios sobre a mudança que a leitura pode imprimir na sociedade.

Ao meu esposo, Douglas, por reconhecer os momentos em que eu precisava de um abraço e de palavras de conforto ou de um puxão de volta à realidade.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação, principalmente à Professora Neuza, que sempre se mostrou tão paciente e compreensiva, dando um suporte muito especial durante todo o curso.

A Deus, pela vida, pela saúde e por aqueles que cruzaram meu caminho e contribuem com minha história.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desta monografia.

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.” (PAULO FREIRE)

ALVES, Ana Paula Ghizzo. **Clube de leitura: a interação professor – aluno no aprendendo a aprender**. 2020. 50 pg. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

Este trabalho tem como temática o ensino de leitura literária para alunos do Ensino Fundamental. Com base nos trabalhos de Antunes (2003), Candido (1989), Kleiman (2013), Rojo (2002), Menegassi (2010) e outros autores da área da literatura e do ensino de leitura nas aulas de Língua Portuguesa, buscou-se evidenciar a compreensão sobre a importância da literatura para a vida e a formação da sociedade, bem como a perspectiva adotada pela escola em relação ao ensino de leitura. Após análise de atividades de leitura do livro didático de Língua Portuguesa para o 7º ano do Ensino Fundamental, foi elaborada uma proposta didática voltada para a formação de um leitor que compreende e utiliza os processos, estratégias e capacidades mentais que são ativados no momento da leitura. Para facilitar a esperada utilização, replicada ou adaptada, da proposta que foi o produto da pesquisa, desenvolveu-se um plano de aula detalhado e organizado para trabalhar com turmas de 7º anos do Ensino Fundamental, séries finais, o qual foi nomeado como Clube de Leitura.

**Palavras-chave:** Leitura Literária; Aula de leitura; Ensino Fundamental; Proposta didática.

## ABSTRACT

ALVES, Ana Paula Ghizzo. **Club of Reading: the interaction teacher – student at the learning to learn.** 2020. 50 pg. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

This work has as its theme the teaching of literary reading for elementary school students. Based on the work of Antunes (2003), Candido (1989), Kleiman (2013), Rojo (2002), Menegassi (2010) and others literature theorists and the teaching of reading in Portuguese language classes, we sought to highlight the understanding of the importance of literature for life and the formation of society, as well as the perspective adopted by the school in relation to teaching of reading. After analyzing the reading activities of the Portuguese language textbook for the 7th year of elementary school, a didactic proposal was developed aimed at training a reader who understands and uses the processes, strategies and mental abilities that are activated at the time of reading. In order to facilitate the expected use, replicated or adapted, of the proposal that was the product of the research, a detailed and organized lesson plan was developed to work with classes of 7th grade of elementary school, final grades, which was nominated as Club of Reading.

**Keywords:** Literary reading; Reading class; Elementary school; Didactic proposal.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....</b>	<b>13</b>
<b>3 A FORMAÇÃO DO CIDADÃO E O DIREITO À LITERATURA.....</b>	<b>14</b>
3.1 A LEITURA COMO FORMADORA DO SER .....	15
3.2 O ACESSO DO ALUNO À LEITURA E LITERATURA: REVISANDO LEVANTAMENTOS DE DADOS SOBRE A RELAÇÃO ALUNO – LEITURA – LITERATURA .....	16
<b>4 O TRABALHO DE FORMAÇÃO DO LEITOR NA ESCOLA .....</b>	<b>22</b>
4.1 ATIVIDADES SOBRE TEXTO LITERÁRIO DE LIVRO DIDÁTICO DO 7º ANO DAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL .....	24
4.2 ESTRATÉGIA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO- CLUBE DE LEITURA ..	27
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, muitos estudos vêm sendo realizados na tentativa de compreender os aspectos, estratégias, capacidades que auxiliam na formação de um bom leitor, que é proficiente em leitura, compreendendo o que lê, como ler, por quê lê e para quê (ANTUNES, 2003; KLEIMAN, 2013; MENEGASSI e ANGELO, 2010). E, a partir desses estudos, tem-se buscado elaborar estratégias de ensino que contemplem tais características para formar alunos leitores.

Porém, embora muito se tenha discutido a esse respeito, é cada vez mais incomum percebermos alunos de Ensino Fundamental de escolas públicas, ou mesmo das séries seguintes, comentando sobre livros que tenham lido por conta própria, a partir de uma curiosidade ou indicação de um colega. Assim, fica perceptível que a prática de leitura, principalmente a literária, continua restrita a realização de trabalhos e atividades avaliativas exigidos pelos professores de Língua Portuguesa, nem sempre de uma maneira que permita ao aluno descobrir os encantos que a literatura pode proporcionar.

Desse modo, as práticas de leitura desses alunos acabam sendo motivadas apenas pelo pretexto de estudar outras questões de Língua Portuguesa que não especificamente de cunho literário ou apreciativo. Como consequência, os alunos começam a perceber a leitura como uma atividade enfadonha e sem sentido para sua vida fora da sala de aula, o que os desmotiva a procurar conhecer o lado da leitura de fruição, a qual pode promover, além da aquisição de conhecimento, o deleite e a possibilidade de fabular e encantar-se (CANDIDO, 1989).

Outro fato que se percebe ao incentivar os alunos a ter um hábito de leitura, é que eles não compreendem, chegando até a rejeitar a ideia, que a literatura é algo essencial para sua vida. Por isso, faz-se necessário que o professor tenha argumentos e dê exemplos que auxiliem o aluno nesse processo de compreensão, buscando associar a literatura e o ato de ler com coisas simples e corriqueiras do dia a dia, de modo que a leitura passe a fazer sentido a partir do ponto de vista do aluno.

Para a realização dessa pesquisa, buscou-se problematizar e desenvolver compreensões preferencialmente relacionadas à necessidade de evidenciar a importância da leitura literária para a formação do aluno enquanto cidadão atuante

em sua sociedade. É de grande relevância estimular os alunos de Ensino Fundamental para que criem a compreensão de que o acesso a literatura e às artes é um direito seu, que não deve ser-lhes negado, pois contém reflexões e informações, além de conter “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (CANDIDO, 1989, p. 174) que são essenciais para a vida humana e para a formação do seu intelecto.

Desta forma, buscamos pôr em discussão a relação aluno – leitura a partir de revisão bibliográfica de estudos científicos que apresentavam dados a partir de coleta direta com alunos da educação básica. Assim, pudemos voltar nosso olhar para atividades que são realizadas em sala de aula, partindo da análise de atividades de leitura propostas no livro didático de Língua Portuguesa Tecendo Linguagens<sup>1</sup>, 7º ano, afim de compreender quais aspectos podem ser causadores da limitação do interesse dos alunos pela leitura de fruição.

É importante frisar, não somente na teoria, como também no cotidiano escolar, que a prática de leitura não deve ser vista como uma atividade exclusiva da disciplina de Língua Portuguesa, mas como uma preocupação constante nas aulas de todas as outras matérias, pois “Se por um lado tem a finalidade principal de formar leitores competentes, por outro, auxilia a produção de textos e a interpretação em quaisquer outras disciplinas.” (LOPES, 2013, p. 366).

A partir dessas considerações e com o entendimento da importância do ensino de leitura para alunos das séries finais do Ensino fundamental, já que é nas fases iniciais que se tem melhores chances de promover a formação do leitor (ANTUNES, 2003; BRASIL, 1998), sendo as atividades de leitura nesse período fundamentais para que o aluno siga ou abandone a leitura; o presente trabalho buscará, além de problematizar a atividade de leitura dos alunos da educação básica, analisar atividades propostas pelos livros didáticos, entendendo possíveis problemas que devem ser repensados, também propor uma estratégia de promoção da leitura de modo a contribuir com a compreensão dos alunos sobre a importância e relevância que essa atividade pode exercer em sua vida e sua formação dentro e fora da escola.

---

<sup>1</sup> A proposta inicial era analisar, pelo menos, dois livros de séries diferentes, porém, devido a situação de isolamento social imposta pela pandemia, só foi possível o acesso ao livro utilizado por empréstimo de um familiar.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

A realização deste trabalho se deu a partir de abordagem qualitativa, com objetivos exploratórios e explicativos, articulando pesquisa bibliográfica e documental.

Para o levantamento de dados, realizou-se pesquisa bibliográfica a partir da leitura de livros, monografias e artigos publicados em revistas da área da educação e ensino, visando o aprofundamento nas discussões e problemáticas que envolvem o letramento literário e o ensino de literatura para a educação básica.

Posteriormente, foram analisadas atividades de leitura do livro didático *Tecendo Linguagens* para o 7º ano do Ensino Fundamental a fim de identificar fatores que desfavorecem o interesse pela leitura como algo prazeroso, tornando-a uma atividade exclusivamente escolar.

A partir das pesquisas e análises, buscou-se elaborar uma sequência didática voltada para turmas de 7º anos, com possibilidade de adaptação para outras séries, tendo como finalidade desenvolver e aprimorar nos alunos as estratégias e capacidades das quais o leitor lança mão durante a leitura, as quais contribuem para a compreensão, interpretação e reconhecimento do prazer do texto.

### 3 A FORMAÇÃO DO CIDADÃO E O DIREITO À LITERATURA

É cada vez menos comum ouvir relatos de alunos sobre um livro, conto, poema, etc. que leram espontaneamente, por curiosidade ou indicação de um amigo, o que acaba por limitar sua prática de leitura a atividades avaliativas, voltadas para questionários superficiais e que não permitem que o texto seja aproveitado em toda sua complexidade. Além disso, quando a leitura parte de uma cobrança, perde-se a oportunidade de encantar-se e deleitar-se, o que exclui da rotina de leitura destes alunos o que se entende por fruição, a qual é essencial para o processo de formação do leitor.

Segundo Schneider (2017, p. 9), o baixo nível de interesse dos alunos, ou mesmo da população leitora no geral, por obras consideradas clássicos literários deve ser visto como algo "mais profundo do que uma suposta preguiça ou incapacidade intelectual do leitor - é uma questão de direitos humanos".

De acordo com Candido (1989), é muito comum que a sociedade coloque em discussão o fato de que as classes mais pobres devem ter direito aos bens considerados essenciais, como uma boa moradia, acesso a alimentação e à água potável, à educação básica. Apesar de não ser uma realidade para todos os brasileiros, admite-se que esses são bens essenciais à vida e a formação do indivíduo. Porém, no que se refere às classes detentoras do poder e bem providas de bens essenciais em nossa sociedade, "será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoievski ou ouvir os quartetos de Beethoven?". (CANDIDO, 1989, p. 172).

Para Candido (1989, p. 174), assim como a "alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.", a literatura também deve ser considerada como um bem incompressível, que é aquele essencial e indispensável para a sobrevivência do ser humano.

De fato, não é comum envolver nas discussões sobre direitos humanos a necessidade do acesso às artes, como a literatura, sendo que esta atua como grande responsável pela formação do pensamento crítico e do caráter do espectador/leitor. Partindo desse pressuposto, nas páginas a seguir buscamos

aprofundar as considerações sobre as contribuições da leitura e da literatura no desenvolvimento do indivíduo enquanto ser atuante na sociedade.

### 3.1 A LEITURA COMO FORMADORA DO SER

A leitura é uma atividade que favorece a melhor compreensão e utilização da linguagem, permitindo que o aluno se posicione ativamente frente a questões da sociedade da qual faz parte, tanto dentro, quanto fora da escola. E, embora muitas pesquisas já tenham sido realizadas na área da leitura, desvendando e explicitando as características de um leitor proficiente, como em Kleiman (2013), Rojo (2002), Menegassi e Angelo (2010), ainda

fica muito distante a garantia do letramento de grande parte da população brasileira, que permanece ainda (e com maior frequência nas escolas públicas) a dificuldade em ensinar a ler e a escrever, como um agravante nas séries iniciais do Ensino Fundamental que culmina com os altos índices de evasão e repetência nas séries seguintes. (LOPES, 2013, p. 360)

Faz-se necessário compreender que “para além daquilo que comunica e informa, a leitura se constitui num espaço para a proposição de significados, portanto de interpretação e apropriação dos contextos, da realidade e do mundo.” (CAVALCANTI, 2015, p. 7). Nesse sentido, uma forte característica da literatura é que “em muitos momentos ela denuncia concepções que a sociedade preza e não quer mudar” (SCHNEIDER, 2017, p.12), concepções essas de opressão às classes marginalizadas, como é o caso da obra *Vidas Secas*, *O cortiço*, dentre tantas outras.

Desse modo, é crucial que a leitura literária faça parte da rotina dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, que estão dando início a sua jornada de formação enquanto cidadãos, para que possam conhecer e reconhecer os sistemas que há muito tempo vêm definindo os destinos da população.

Relacionado a isso, a leitura pode também auxiliar na compreensão de processos relacionados ao desenvolvimento individual, a partir das vivências das personagens, quando há uma identificação com os paradigmas aos quais estas vão sendo submetidas, pois

A literatura, assim como uma casa, se organiza em uma estrutura. Tijolos desorganizados não representam nada. O mesmo acontece no texto

literário; as palavras são os tijolos dessa construção, e o arranjo delas no texto possibilita que o ser se organize interiormente como uma forma de superação do caos. (SCHNEIDER, 2017, p.39).

Auxilia também na compreensão do funcionamento da sociedade, já que grande parte da produção literária oferece visões críticas sobre a sociedade, o comportamento humano, político, religioso, etc., “Portanto, o texto literário converte-se num valioso instrumento de reflexão sobre as realidades.” (CAVALCANTI, 2015, p. 9).

As possibilidades que a leitura oferece ao sujeito, que exerce o ato de ler, estão diretamente relacionadas com a formação individual no que diz respeito ao repertório de conhecimento linguístico, à capacidade de assimilação e processamento dos eventos que ocorrem na sociedade e, ainda, favorece momentos de apreciação e deleite. Isso tudo porque

a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (CANDIDO, 1989, p. 174)

Ao reconhecer a necessidade de estimular a prática de leitura literária entre os alunos da educação básica, pode-se assumir que, de fato, "A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante." (CANDIDO, 1989, p. 180). E bem como afirmam Candido (1989) e Cavalcanti (2002, p.2 apud LOPES, 2013, p.361) “uma sociedade não letrada, ou mesmo formada por leitores funcionais, está fadada à condição de miséria e indignidade.”.

### 3.2 O ACESSO DO ALUNO À LEITURA E LITERATURA: REVISANDO LEVANTAMENTOS DE DADOS SOBRE A RELAÇÃO ALUNO – LEITURA – LITERATURA

Diante das considerações abordadas nos tópicos anteriores, faz-se necessário compreender qual a relação dos alunos com as práticas de leitura e perceber se eles reconhecem a necessidade e importância dessa prática para sua formação, não apenas escolar, mas cidadã.

A partir das afirmações que percorrem os corredores escolares, sobre os jovens não saberem ler ou não cultivarem o gosto pela prática da leitura, Di Nucci (2002) realizou uma pesquisa com vinte alunos do segundo ano do Ensino Médio de uma escola estadual de Campinas. Os questionários aplicados diretamente aos alunos eram divididos em quatro partes, sendo referentes a leitura de jornal, de revistas, de livros e de eventos de letramentos cotidianos.

Os resultados da pesquisa apontaram que, na leitura de jornais, os jovens escolhem suas leituras a partir dos seus interesses pessoais, sendo que

85% da amostra afirmou ler jornal. A leitura do jornal é feita por seções [...]. Entre as seções mais lidas do jornal estão noticiário local, horóscopo e classificados (16,67%) e esporte (15,0%). As seções lidas em menor frequência são artes (6,66%), noticiário nacional (5%) e economia (3,33%). Os demais sujeitos (15%) afirmaram não ler jornal em função da falta de interesse ou de hábito de leitura, o que parece não ser uma prática de leitura comum a todos os jovens. (DI NUCCI, 2002, p. 34)

A segunda parte do questionário aplicado aos alunos indicou que todos têm o hábito de ler revistas de assuntos variados, dentre elas “as revistas de informação como Veja, Isto É, Época são as mais lidas (23,04%) entre os jovens, seguidas das revistas femininas como Claudia, Criativa, Desfile (16,93%)” (DI NUCCI, 2002, p. 34). Também estavam presentes nas leituras dos alunos revistas como “Playboy, Sexy (13,85%), de esportes, como Placar, Lance (12,31%), Gibis (10,77%), além das revistas especializadas, como Culinária, Saúde (9,24%), revistas científicas, como Exame, Superinteressante (7,70%) e de humor, como Mad, Bundas (6,16%)” (DI NUCCI, 2002, p. 34).

Pode-se notar, até este ponto da pesquisa, que a maior utilização desses veículos de informação pelos participantes da pesquisa é para tirar dúvidas referentes a assuntos do dia a dia, a partir de revistas mais voltadas a entretenimento, sendo que “As revistas menos lidas são revistas científicas que, na concepção dos jovens, possuem uma linguagem difícil de compreender” (DI NUCCI, 2002, p. 34).

A partir da fala dos entrevistados, ficou claro que a escolha pela leitura de revistas se dá pelo fato de apresentarem textos mais curtos e com uma linguagem mais próxima da que utilizam no cotidiano, tornando a leitura mais fácil. Ao contrário dos livros de literatura que apresentam uma linguagem mais rebuscada, “o que o torna um evento de letramento menos atrativo para a leitura” (DI NUCCI, 2002, p.34-35).

Apesar das afirmações anteriores, os alunos demonstraram ter a prática de leitura de livros, assim como de jornal e revista, porém, explicaram que leem por exigência dos professores e das provas de vestibular que pensam em participar. Segundo a autora, alguns dos jovens mencionaram que "não percebem esse tipo de leitura como sendo prazerosa", afirmando ainda que "a leitura de livros não é importante para a vida deles, não sentem necessidade desse tipo de leitura no cotidiano". (DI NUCCI, 2002, p. 35).

Nessa parte da pesquisa, verificou-se que os livros que são lidos com menos frequência são "romance policial e romance (6,67%), livros de ficção científica (6,67%) e de poesias (3,33%)" (DI NUCCI, 2002, p. 35). Já a última parte do questionário aplicado a esse estudo foi relacionada à leitura que está presente no cotidiano dos alunos, assim como ler placas, anúncios, etc. Dessas leituras, as que mais se destacaram foram a leitura de cartas (15,74%) e de bilhetes (14,81%).

Na intenção de complementar as informações obtidas em Di Nucci (2002), fez-se também a revisão de um trabalho investigativo realizado com alunos de ensino médio de quatro escolas de São Paulo, capital e região metropolitana. Nessa pesquisa, Oliveira (2013) buscou identificar qual a importância e a frequência da leitura para os estudantes entrevistados.

Nessa pesquisa, foram aplicados questionários para 142 alunos de escolas públicas e 147 de particulares, sendo 143 meninos e 146 meninas. Além dos questionários, foram realizadas entrevistas abertas com 25 dos alunos das escolas públicas e 38 das particulares participantes da pesquisa.

Foram levantados dados sobre vários fatores relevantes às escolhas de leitura dos alunos, bem como seus hábitos e como é o acesso a livros, tanto na escola quanto fora dela. Porém, se faz necessário fazer um recorte para elucidar a respeito do lugar que a leitura ocupa na vida dos alunos que participaram da pesquisa em questão.

A primeira pergunta do questionário utilizado foi destinada a saber quais eram as atividades de lazer que os alunos costumavam ter para se divertir e, diante de suas respostas, elencaram em posições, da primeira à última opção. Desse modo, pode-se averiguar que

em primeiro lugar, 92% dos alunos costumam passar seu tempo na internet; no segundo posto, 89% dos estudantes assinalam se divertir ouvindo música; o terceiro lugar, contando 87% de indicação, fica com a opção

saindo com amigos; o quarto lugar, assinalado por 81% dos alunos, é ocupado pela televisão; em quinto tem-se ir ao cinema, opção assinalada por 75% dos estudantes; em sexto lugar aparece a prática de esportes, escolhida por 66% dos alunos; em sétimo lugar é definida a opção lendo livros, com 53% de marcações; em oitavo lugar, com 51% de indicações, aparecem os videogames; em nono lugar, indicada por 23% dos alunos, ocorre a ida ao teatro; e em décimo lugar, com 10% de anotações, surge a categoria outros. (OLIVEIRA, 2013, p. 132.)

Segundo a autora, pode-se perceber pouca diferença entre as opções de lazer entre as quatro escolas pesquisadas, porém, ficou evidente a diferença das escolhas dos alunos para lazer dependendo da classe social do público de cada escola. As atividades que demandam mais dinheiro, como teatro e sair com amigos tiveram maior indicação nas escolas particulares, enquanto os alunos das escolas públicas têm suas atividades de lazer voltadas para música, televisão e videogame, coisas que "ainda que envolvam um aporte financeiro na aquisição dos aparelhos necessários a essas atividades, não demandam investimentos constantes". (OLIVEIRA, 2013, p. 133).

Em relação ao tipo de leitura realizada pelos alunos entrevistados, obteve-se também uma ordem de relevância a partir das indicações dos alunos:

em primeiro lugar, sms/torpedo/e-mail, com 80% de indicações; em segundo, as revistas, com 67%; no terceiro lugar, estão as redes sociais e o twitter, com 61%; em quarto, aparecem os romances, com 56%; na quinta posição, surgem os blogs e textos mais longos na internet, com 53%; em sexto, a leitura de jornais, com 39%; em sétimo, os contos e crônicas, com 32%; no oitavo lugar, aparece a leitura de livros didáticos, com 31%; na nona posição, tem-se a leitura de poesia, com 24%; em décimo, os alunos assinalaram a opção outros; e em décimo primeiro lugar, na última colocação, os livros de autoajuda, com 8%. (OLIVEIRA, 2013, p. 136)

As diferenças mais significativas foram quanto às leituras de romance que, nas escolas particulares é mais frequente e também, entre as quatro escolas, demonstrou ser um gênero mais lido pelas meninas, representando 78% das suas leituras, do que por meninos, com 32%.

Um outro ponto, muito relevante mencionado por Oliveira (2013) é o formato da leitura que os alunos realizam. Esperava-se que os alunos das escolas particulares, por terem relatado possuir leitores de e-books fariam mais leituras nesse formato, porém, foi constatado o contrário. Os alunos das escolas públicas eram os que mais liam em formato digital, explicando que conseguiam muitas obras gratuitas na internet, enquanto os alunos das escolas particulares preferiam ler os livros físicos, por já possuírem o hábito das sinestésias proporcionadas e porque

ganhavam os livros de seus pais ou os tinham a sua disposição na biblioteca da escola.

Em outro estudo, nessa mesma linha que vimos discutindo até o momento, Lima e Reis (2016) buscaram compreender a percepção de alunos de 8º ano sobre a literatura, a partir de uma atividade de roda de leitura e conversação. A pesquisa foi realizada em uma turma de 30 alunos, na faixa etária de 13 anos, sendo composta por metade de meninos e metade de meninas.

Foram lidos trechos de quatro obras de autores brasileiros para esses alunos, sendo eles Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Lya Luft e Carlos Drummond de Andrade. Ao final de cada leitura, perguntava-se se já conheciam o autor e a obra e de que tipo de obra se tratava.

Um apontamento feito pelas autoras que chama muito a atenção, apesar de não surpreender, é que apenas uma aluna relatou conhecer um dos autores, por já haver trabalhado em sala de aula. De acordo com as autoras,

Mesmo sendo uma turma que estuda a língua portuguesa como disciplina há, pelo menos, oito anos, estes estudantes nunca tiveram contato com alguns autores clássicos da literatura brasileira, alguns jamais tinham lido um livro por completo ou mesmo visitado alguma biblioteca. (LIMA; REIS, 2016, p.48.)

Como foi realizada uma roda de conversa, essa pesquisa não aponta porcentagens, como as outras duas, porém, pode-se ter uma noção sobre como é entendida a prática de leitura literária por esses adolescentes.

Alguns dos alunos, durante a conversa, relataram que não gostavam de ler, enquanto os demais comentaram que gostavam de gibis e histórias de aventura. Ao serem questionados sobre qual seria a função da literatura, a maioria deles a relacionou à aprendizagem, "colocando-a como algo útil porque nos faz aprender coisas necessárias a nós" (LIMA; REIS, 2016, p. 50).

A partir das investigações realizadas com esses três trabalhos, evidenciou-se a necessidade de repensar o ensino de leitura literária na educação básica de escolas públicas. Pode-se notar que mesmo depois de uma década, distância temporal entre a primeira e a última pesquisa mencionadas, a relação entre os alunos e a leitura literária continua sendo de práticas puramente escolares, principalmente no que se refere a alunos de escolas públicas.

Atualmente, o enfoque em literatura está voltado para os três anos de Ensino Médio, deixando as aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental com o

encargo de trabalhar questões linguísticas e gramaticais, como é constatado na subseção 4.1 deste trabalho. Porém, esse método não vem se mostrando eficaz na formação de leitores proficientes, contribuindo cada vez mais para a desigualdade de oportunidades para alunos de escola pública.

## 4 O TRABALHO DE FORMAÇÃO DO LEITOR NA ESCOLA

Revisando as teorias que envolvem o ensino de literatura, as práticas docentes presentes nas salas de aula da educação básica e os documentos que as norteiam, nota-se ainda há muita divergência de informações e ideologias no que tange ao trabalho escolar com literatura, sendo que

Todos [...] aspectos que assinalam a precariedade do ensino de literatura na escola e a abordagem inadequada do texto literário em aulas de leitura revelam ainda haver divergência entre os documentos que norteiam o ensino no Brasil e aquilo que estudos críticos consideram adequado em relação à presença do texto literário na sala de aula. (PORTO; PORTO, 2018, p.14)

Os PCN (BRASIL, 1998) argumentam que, na falta de modelos de leitores e de contato com leituras fora do contexto escolar, a escola deve proporcionar a estes alunos tanto boas opções de leitura, autores e obras literárias como também ter bons exemplos de leitores proficientes que, neste caso, podem (e devem) ser os próprios professores, não apenas de Língua Portuguesa, mas também de quaisquer outras matérias, além de priorizar a oferta de aulas em que a prática de leitura é realizada em prol de uma formação leitora de qualidade.

Apesar da nova documentação que rege o ensino na educação básica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ainda nos deparamos com as mesmas orientações apontadas nas documentações anteriores, as quais já se mostravam ineficazes e/ou insuficientes.

De acordo com Antunes (2003) e também com os já substituídos PCN (BRASIL, 1998), é nas fases iniciais que se apresentam melhores chances de formar leitores que seguirão com a leitura nas fases posteriores. Porém, com a aprovação da BNCC, que desestimula completamente o ensino de literatura no Ensino Fundamental, “poucas são as possibilidades de formar leitores de literatura no ensino médio se as leituras literárias não se constituírem em um hábito a ser ampliado nessa etapa final da formação básica.” (PORTO; PORTO, 2018 p. P. 22).

Reiterando o que foi afirmado por Candido (1989) quanto ao problema de falta de valorização da leitura literária, que impede uma sociedade de avançar para o desenvolvimento intelectual de seus cidadãos,

é lamentável reconhecer a indiferença quanto à literatura como objeto essencial a formação do adolescente na segunda etapa do ensino fundamental. Enquanto países como Portugal manifestam por meio de documento oficial a obrigatoriedade de uma educação literária, destacando o quanto a literatura é indispensável nos currículos escolares, a BNCC brasileira destoa dessa tendência ao relegar à literatura um espaço subliminar. (PORTO; PORTO, 2018 p. 19).

Como mencionam Porto e Porto (2018), diante de tantas injustiças e ataques aos direitos humanos, principalmente das classes mais baixas, que vêm-se presenciando nos últimos anos no Brasil, “não é de se estranhar que a literatura esteja cada vez mais adormecida nos bancos escolares do ensino fundamental, tal como estimula a BNCC.” (PORTO; PORTO, 2018 p. P. 21).

Diante desse cenário, faz-se necessário que os que detêm os conhecimentos teóricos, bem como as condições de promover a investigação científica, reforcem a importância da prática de leitura para a transformação de um Brasil que, ainda hoje,

se distingue pela alta taxa de iniquidade, pois como é sabido temos de um lado os mais altos níveis de instrução e de cultura erudita, e de outro a massa numericamente predominante de espoliados, sem acesso aos bens desta, e aliás aos próprios bens materiais necessários à sobrevivência. (CANDIDO, 1989, p. 190).

Por ser um “direito incompressível” (CANDIDO, 1989), entende-se que “quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, [...] a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes” (BRASIL, 1998, p. 37), estimulando a compreensão da necessidade do acesso à leitura literária.

Deve-se ter em conta também, no que abrange a leitura na escola, que a prática de leitura não deve ser vista apenas como uma atividade da disciplina de Língua Portuguesa, mas como uma preocupação constante nas aulas de todas as outras matérias, pois “Se por um lado tem a finalidade principal de formar leitores competentes, por outro, auxilia a produção de textos e a interpretação em quaisquer outras disciplinas.” (LOPES, 2013, p. 366).

Em relação ao que vem sendo exposto, Schneider (2017) ressalta o fato de que o estudo da literatura na escola não deve se pautar apenas em períodos literários ou como uma possível complementação das aulas de história, nem ficar preso a gêneros menores, pois

É muito importante que se estudem contos, crônicas, poesias, assim como o período histórico, a biografia do autor, a relação com outros textos. Porém, o

acesso ao romance, a epopeia, ao texto dramático é um direito que deveria estar garantido a todos. Infelizmente não está. (SCHNEIDER, 2017, p.39)

Nesse sentido, entende-se como sendo fundamental utilizar as aulas de Língua Portuguesa para possibilitar aos alunos o acesso e o aprendizado sobre leitura literária, já que para muitos, o único lugar e momento em que se tem essa oportunidade é na escola, durante a aula de leitura.

#### 4.1 ATIVIDADES SOBRE TEXTO LITERÁRIO DE LIVRO DIDÁTICO DO 7º ANO DAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Apesar do livro didático ser apenas um auxiliar, uma base, e não uma regra a ser seguida, nem sempre os professores estão preparados para desenvolver por conta própria aulas que sejam eficientes na formação do leitor em sala de aula. Além do despreparo de muitos professores que vão para a sala de aula sem mesmo ter terminado a graduação, como é o caso de alguns professores contratados por processo seletivo, muitos outros professores, bem munidos de preparo e conhecimento, não dispõem do tempo necessário para preparação de aulas diferenciadas em virtude da sobrecarga de horas de trabalho advindas de turmas lotadas e poucas horas-atividade. Por isso, é muito importante que o livro didático contemple a formação do leitor literário em suas propostas de atividade com leitura.

O material analisado durante a elaboração dessa pesquisa foi o livro didático Tecendo Linguagens: língua portuguesa, de 7º ano do Ensino Fundamental, séries finais.

Analisando o sumário, pode-se perceber que todas as atividades propostas como práticas de leitura são seguidas de exercícios de análises da linguagem do texto. Pelo modo que está exposto no sumário, dá a entender que a prática de leitura, seja de textos literários ou em outros formatos, é utilizada como pretexto para o estudo da linguagem. Isso acontece até mesmo na unidade 3, que é chamada "Ler é uma Viagem". A sequência de atividades continua no mesmo esquema dos capítulos anteriores, que não focam a viagem que a leitura pode proporcionar.

Ao folhear o livro, visitando as atividades relacionadas ao uso de textos, percebe-se que os exercícios continuam no mesmo formato em todas as unidades.

A impressão que se tem é que o estudo da linguagem, que é algo presente no dia a dia de todos os falantes, passa a ser algo que existe apenas nos textos e na literatura. Isso faz com que o estudo da linguagem se torne cada vez mais distante da realidade dos alunos, principalmente os mais jovens, fazendo mais difícil a associação do que aprendem sobre a língua com o que presenciam no dia a dia, no seu uso.

Na prática de leitura do capítulo 1, da unidade 1, que é uma crônica de Luís Fernando Veríssimo, observa-se que há uma boa introdução para a leitura, de acordo com o que explicitam teóricos como Kleiman (2013) e Menegassi (2010), por exemplo, sobre a ativação de conhecimentos prévios para instigar a curiosidade e interesse pela leitura. Porém, o que se percebe depois é que o texto foi usado apenas como um pretexto para ensinar as formas de comunicação que estão presentes na crônica e introduzir estudos sobre o tema. Além de trabalhar o significado de crônica, para entender de maneira básica o que e como é esse gênero, as atividades propostas estimulam uma dissecação do texto lido, tirando toda a literatura presente nele e transformando-o apenas em um objeto de estudo, com “caráter meramente didático e pedagógico, deturpando e falsificando o seu caráter literário” (OLIVEIRA, 2008, p.1).

É parcialmente compreensível que as atividades tenham sido conduzidas dessa maneira, já que a unidade é voltada para o estudo da comunicação, porém, há outros formatos de textos muito mais eficientes para isso, inclusive, os textos comunicativos compartilhados diariamente por influenciadores digitais que já fazem parte do cotidiano dos jovens e adolescentes, ou mesmo textos dos próprios alunos, como bilhetes, mensagens de texto, cartas, etc.

Outro ponto problemático é o fato de usar uma crônica, dar uma definição, inclusive com exemplo de um dicionário, mas não proporcionar ao aluno a oportunidade dele mesmo tomar consciência de como funciona o gênero textual, o que seria possível através da leitura de diferentes crônicas, estimulando a percepção deles sobre o formato e o estilo do texto. Não apenas dando um exemplo e uma definição, pra depois descobrir os tipos de pronomes ali empregados, como acontece no livro didático.

Percebe-se, no decorrer do livro em questão, um problema que já vem sendo debatido desde a década de 1980 por Geraldi, Lajolo, Zilberman, entre outros autores, que é o fato de o texto ser apenas um objeto de dissecação. Em todos os

textos surgem as mesmas espécies de questionamentos, para toda atividade de leitura proposta no livro didático analisado, tem uma porção de questões relacionadas ao estudo da linguagem e da gramática. Nem mesmo na unidade que se volta para o cultivo do hábito da leitura não se tem o cuidado de realmente estimular o prazer pelo ato de ler, usando sempre todo texto, desde a crônica até o romance, como pretextos para trabalhar assuntos linguísticos, os quais poderiam, com muito mais eficácia, ser trabalhados a partir de exemplos de usos mais próximos dos alunos e do seu cotidiano.

No início da unidade 3 do livro didático, fala-se da necessidade da leitura por prazer, porém, o que acontece na realidade é a introdução da leitura exclusivamente como ferramenta para o estudo da gramática sem apresentar um momento destinado a apreciação do texto lido, nem alguma sugestão (como acontece em alguns livros) para que o aluno procure ler o texto completo em casa ou reler os textos curtos e conversar com o colegas a respeito das suas leituras.

A prática de visitar o livro inteiro em um único dia se apresentou como uma tarefa enfadonha, pois ficou muito perceptível como as atividades são todas iguais, do começo ao fim do ano, mesmo na unidade destinada à leitura como uma viagem, sempre há a prática de leitura seguida do estudo da linguagem, nunca da apreciação. Esse formato de atividade dificilmente se mostrará como eficaz na formação de um leitor que vai além da decodificação e identificação do dado.

Ao imaginar uma criança de 12 anos, que é a idade média de um aluno de sétimo ano, sendo apresentada a um texto literário no começo do ano para logo em seguida se deparar com uma enxurrada de informações e perguntas sobre artigo, oração, advérbio, locuções, transição verbal, preposição, etc.; é possível prever que esse aluno vai facilmente associar a prática de leitura a uma atividade prazerosa e de lazer? Ou vai acabar, inconscientemente, relacionando leitura a exercícios escolares de gramática e estudo da língua?

A partir do que foi até aqui apresentado, como uma forma de elevar essa pesquisa a algo além da identificação de problemas e construção de críticas, buscou-se articular uma proposta de atividade de leitura que enfoque justamente o momento de apreciação, o estímulo a ela, e também a relação que podemos estabelecer entre a leitura que fazemos e as nossas vivências.

## 4.2 ESTRATÉGIA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO- CLUBE DE LEITURA

A proposta desenvolvida foi pensada para uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, anos finais. Por isso, as sugestões de textos e obras se deu de acordo com o que pode ser relevante para adolescentes na faixa etária de 12 a 14 anos. Porém, em qualquer uma das etapas mencionadas e especificadas a seguir, há a possibilidade de adaptação para outros gêneros literários, bem como diferentes temáticas, o que pode ser decidido pelo professor ou juntamente aos alunos.

Contando que o mês tem quatro semanas, deve-se incluir uma aula de leitura por semana, o que resulta em aproximadamente dezesseis aulas de leitura a cada semestre. Desse modo, pode-se utilizar o total de 15 aulas para desenvolver o planejamento.

Essas quinze aulas precisarão ser divididas em três etapas, de modo que se possa trabalhar com três gêneros literários distintos, os quais serão decididos de acordo com o que o professor julgar ideal para sua turma. Para exemplificar, utilizaremos nesse trabalho a crônica, o conto e a novela. Para ter um norte durante a exemplificação, tomamos por base uma turma de sétimo ano dos anos finais do Ensino Fundamental, o que contribuiu para as escolhas de cada obra literária aqui mencionada.

Vale ressaltar que o propósito do desenvolvimento dessa estratégia não é utilizar a leitura como um pretexto para posteriormente realizar atividades de produção textual ou responder provas. O objetivo da realização dessa proposta é o letramento literário, ou seja, a formação de leitores que compreendam a necessidade do acesso a literatura e que a visualizem como uma valiosa alternativa de lazer e de formação do pensamento crítico perante a sociedade na qual se inserem. Paralelo a isso, o acesso à leitura e sua compreensão enquanto processo formador, proporcionará, ainda que subjetivamente, o aporte necessário para o desenvolvimento da escrita. Nesse sentido, Souza e Cosson (2015, p.102) afirmam que

o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma. Finalmente, o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar. (SOUZA; COSSON, 2015, p.102)

Voltando à proposta, as cinco aulas de leitura de cada etapa devem ser divididas em uma aula de letramento literário – ensino e aprendizagem de leitura – e as outras quatro destinadas à apreciação de leitura, contando que os alunos colocarão em prática o que vêm aprendendo e, aos poucos, tomarão consciência dos processos realizados durante a leitura e qual a importância de cada um deles.

As estratégias e capacidades que serão exploradas durante a estratégia do clube de leitura são: 1. definição de objetivo de leitura, pois é comprovado que a realização de uma tarefa se mostra mais eficaz e significativa quando conhecido o objetivo para sua realização (KLEIMAN, 2013a, p. 32); 2. a ativação dos conhecimentos prévios, já que, segundo Souza e Cosson (2015), ao ativar as memórias dos alunos contribuimos para o exercício de compreensão e que “Muito, mas muito mesmo, do que se consegue apreender do texto faz parte de nosso ‘conhecimento prévio’” (ANTUNES, 2003, p. 67); 3. antecipação ou elaboração de hipóteses, que são “predições que o leitor constrói sobre o texto que está lendo, possibilitando-lhe a antecipação do conteúdo, mantendo a atenção no objetivo determinado inicialmente” (MENEGASSI, 2010, p. 44); 4. checagem ou verificação, que consiste em confirmar, abandonar ou reformular as hipóteses elaboradas inicialmente de acordo com os acontecimentos presentes na leitura (ROJO, 2002); 5. capacidades de apreciação e réplica do leitor em relação ao texto, o que vai contribuir diretamente para a interpretação do texto e proporcionar momentos de interação autor – texto – leitor. Dessas capacidades, selecionamos duas que acreditamos ser relevantes para essa proposta, são elas a “elaboração de apreciações estéticas e/ou afetivas” e a “elaboração de apreciações relativas a valores éticos e/ou políticos” (ROJO, 2002, p.7). 6. capacidade de síntese, pois com essa prática “não relembramos apenas fatos importantes do texto, mas adicionamos novas informações a partir de nosso conhecimento prévio, alcançando uma compreensão maior do texto.” (SOUZA e COSSON, 2011, p. 105); 7. avaliação de leitura, que servirá tanto para que os alunos avaliem suas próprias leituras e o texto lido, como também para o professor avaliar como foi o desenvolvimento da estratégia e o envolvimento dos alunos com a proposta (SOUZA e COSSON, 2011).

O primeiro gênero a ser trabalhado pode ser a crônica. Por ser uma narrativa curta, com poucos personagens e tratar de assuntos cotidianos, esse gênero textual apresenta boas possibilidades de envolver os alunos a partir de seus assuntos

diversificados, divertidos e próximos de suas vivências. A sugestão para as primeiras cinco aulas de leitura é o livro Para Gostar de Ler volume I, um livro dedicado a estudantes e que faz parte do acervo de boa parte das bibliotecas de escola pública<sup>2</sup>.

Antes de partir para o livro, é fundamental que professor e alunos estabeleçam os objetivos para aquela leitura, isso vai garantir que o aluno manipule o texto de modo a atingir os objetivos estabelecidos. Como o propósito do clube de leitura é a formação do leitor, um dos objetivos é justamente compreender os processos mentais que ocorrem no momento da leitura. Além disso, também busca-se formar um leitor que enxerga prazer no ato de ler, por isso, outro objetivo a ser destacado é ler para se divertir e entreter.

A introdução do livro se ocupa de explicar aos alunos que o livro é um convite à leitura pelo prazer de ler, o que vai de encontro aos objetivos da proposta de leitura, e aborda também uma breve explicação sobre o gênero crônica, a qual é assinada pelos próprios autores das crônicas presentes no livro. A primeira aula de leitura dessa etapa é um bom momento para o professor ler essa parte com os alunos e, já que o enfoque da aula de leitura não é estudar o gênero, a explicação contida no livro é, por hora, suficiente.

É muito importante que cada aluno esteja em posse de um exemplar do livro, para que possam realizar a leitura a seu tempo e sem pressão por compartilhar o livro com o colega. Para tanto, caso não haja exemplares suficientes na biblioteca da escola, o professor deve se preparar previamente com empréstimo da biblioteca pública, comprando alguns exemplares ou comunicando os pais dos alunos, que tiverem condições de fazê-lo, a importância de adquirir um exemplar para seu filho.

Após ler a introdução, o professor deve fazer a leitura em voz alta da primeira crônica, que não precisa estar em ordem, mas nesse caso será literalmente a primeira. De acordo com Souza e Cosson (2011), é necessário apresentar aos alunos os esquemas mentais envolvidos no ato de ler e não apenas proporcionar momentos isolados de leitura individual. Por isso, segundo os autores, “um texto deve ser escolhido e sua leitura em voz alta iniciada com interrupções do próprio

---

<sup>2</sup> Ao fazer essa afirmação, apenas buscou-se trabalhar com a realidade necessária a essa proposta, porém, não deixamos de ter consciência de que outra boa parte de escolas públicas brasileiras não possuem sequer espaço físico para uma biblioteca ou financiamento justo para aquisição de livros de literatura.

docente que, ao perceber uma habilidade de leitura, a comenta e a exemplifica aos alunos” (SOUZA e COSSON, 2011, P. 104).

Essa tomada de consciência das estratégias de leitura começa com a leitura do título do texto (ou livro), nesse caso a crônica “Hora de Dormir”, de Fernando Sabino. O professor inicia uma conversa que estimule os alunos a pensarem a respeito dos significados que esse título possui para eles e pode pedir que compartilhem o que imaginam lendo essa pequena frase. Esse é o momento de ativação dos conhecimentos prévios, estratégia fundamental para que o leitor estabeleça conexões com seus conhecimentos e aquilo que será lido, proporcionando melhor envolvimento e compreensão durante a leitura.

Nesse caso, espera-se que o aluno pense em coisas do tipo: a hora que costumo dormir, o que faço antes de dormir, tenho facilidade ou dificuldade para dormir, durmo sozinho no quarto ou divido o quarto com alguém, meus pais precisam me mandar pra cama ou sigo um horário estabelecido, etc. Não é necessário fazer anotações, pois a prática de reativar memórias já garante que, durante a leitura, o aluno associe com o que estava lembrando momentos atrás. Durante esse processo, o aluno também começa a criar hipóteses sobre qual será a abordagem do texto sobre esse tema, o que acontece naturalmente quando o leitor vê o título de um texto ou a sinopse de um livro. Essas hipóteses também serão grandes responsáveis pelo engajamento do leitor e para a compreensão da leitura.

A partir daí, o professor pede aos alunos que cada um acompanhe no seu livro e dá início a leitura em voz alta. Para a aula de moldagem do leitor, é necessário que o professor faça essa leitura para poder exemplificar três, das 7 estratégias que serão trabalhadas no decorrer da propostas, além de proporcionar aos alunos a percepção de como é importante ter fluidez na decodificação e no respeito aos sinais gráficos para que a compreensão do texto seja facilitada.

Ao iniciar a leitura da crônica “Hora de dormir”, espera-se que o aluno associe as falas à imagem de uma criança e seu pai discutindo em frente a TV e comecem a lembrar de cenas semelhantes que aconteceram consigo ou com os colegas. Nesse momento também inicia-se o processo de verificação das hipóteses, confirmando ou abandonando-as a partir da sequência dos acontecimentos no texto.

Aproximadamente na metade da crônica, podendo ser antes ou ainda depois, novas hipóteses vão surgindo em relação ao desfecho que a história irá tomar. Aí pode acontecer os mais variados tipos de hipóteses a depender dos conhecimentos

prévios de cada aluno. Nessa altura do texto, o que pode ser na linha 23 dessa crônica, é o momento do professor fazer uma pausa para que faça esse processo de checagem de hipóteses junto aos alunos, sem explicar, por enquanto, do que se trata, apenas perguntando, por exemplo, “você se identificaram com essa cena em algum momento até agora?”, “era sobre isso que vocês imaginaram que o texto ia falar?”, “o que vocês acham que vai acontecer? Será que o pai vai ceder ou o filho vai acabar se rendendo?”, “Vocês já ficaram acordados só pra poder contrariar seus pais?”. Na medida do possível, o professor deve ouvir o que cada aluno tem a dizer e, mesmo que não seja viável que todos respondam, ou se alguns não quiserem responder em voz alta, o fato de acompanhar as respostas dos colegas também ativa sentimentos importantes para a troca de experiências entre os alunos e o texto.

Retoma-se a leitura e o professor pode realizar novas pausas ou não, de acordo com o que lhe parecer necessário e significativo. Ao fim do texto, alguns segundos de silêncio devem ser proporcionados para a contemplação dos alunos sobre o que acabaram de ler. Esse momento pode ser o que irá diferenciar uma leitura por obrigação de uma leitura por prazer, pois o período de apreciação é respeitado, mesmo que em um curto espaço de tempo.

Após o momento de apreciação, o professor pode mediar a compreensão a partir de algumas perguntas relacionadas ao contexto e também a alguns fatos isolados que considere pertinente comentar, como por exemplo “o que vocês acharam da história?”, “você acharam o menino mal criado, como o pai falou?”, “quando começamos a leitura, como você imaginou esse pai? Severo, compreensivo, querido...? E depois de terminar de ler?”, “você se identificou com esse menino em algum momento? Qual?”, “você costuma bater de frente com seus pais?”, dentre tantas outras perguntas que possam favorecer o envolvimento com o texto para a interpretação e compreensão.

O professor explica que durante a leitura foram utilizadas algumas estratégias que eles nem perceberam, mas que sempre utilizamos quando lemos e que são fundamentais para o sucesso da leitura. Então menciona as estratégias de definição de objetivos para a leitura, ativação dos conhecimentos prévios e elaboração e checagem de hipóteses, e estimula que os próprios alunos vão identificando em quais momentos utilizaram cada uma delas. Explica que toda vez que forem realizar uma leitura é importante que relembrem essas estratégias, mesmo que seja apenas

leitura de entretenimento, pois assim aquilo que foi lido será melhor aproveitado de acordo com os objetivos.

Para as próximas quatro aulas, deve-se proporcionar momentos que contemplem a leitura de fruição. Portanto, caso haja possibilidade, o professor pode levar os alunos ao bosque da escola, organizar assentos confortáveis na biblioteca ou espalhar colchonetes na própria sala de aula, buscando remeter a prática de leitura a uma atividade de lazer, de descanso e deleite. Pouco antes do término de cada aula, é necessário promover conversas sobre as leituras, perguntando o que os alunos estão achando das crônicas, se o livro é como esperavam, se estão conseguindo ler em casa, se ainda conseguem perceber as estratégias que conheceram na primeira aula e também permitir, caso note esse exercício partir naturalmente dos alunos, que comentem aspectos do livro entre si. Essas conversas serão fundamentais para o acompanhamento da evolução dos alunos e da eficiência, ou não, da proposta no decorrer das aulas destinadas ao clube de leitura.

Finalizando as aulas da primeira etapa, alguns alunos já terão terminado a leitura do livro e talvez outros ainda não o tenham feito, porém, como é um livro de crônicas, o fato de alguns alunos não o terem lido por completo não afetará sua passagem para a próxima etapa, pois o importante é que, dentro do seu ritmo e possibilidade, eles tenham aproveitado o aprendizado proporcionado por cada crônica lida. Esse aprendizado refere-se tanto às estratégias de prática de leitura quanto ao que é possível apreender a partir de cada texto.

Dando sequência, para a próxima etapa optamos por dois livros de contos, gênero que continua sendo de narrativas curtas, porém, com núcleos mais complexos e maior possibilidade de integrar o real e o maravilhoso.

Na primeira das cinco aulas, como feito anteriormente, o professor inicia a conversa definindo objetivos e ativando conhecimentos prévios. O conto a ser lido pelo professor, para explicar as próximas estratégias a serem conhecidas pelos alunos, será o conto *A moça tecelã* de Marina Colasanti, no seu formato de livro. É fundamental que seja levado o livro físico e não apenas o conto impresso, pois assim os alunos já poderão associar o gênero com o que já conhecem como contos de fadas, expandindo o significado de conto e suas possibilidades. Outro fator importante para utilizar o livro *A moça tecelã* e não apenas uma impressão em sulfite, é apresentar aos alunos uma possibilidade de ilustração diferente das

comuns, que carrega toda a simbologia da história, com riqueza de detalhes e a afetividade presente nas técnicas empregadas.

Como nessa etapa será dado enfoque às estratégias e capacidades de apreciação e réplica, um dos objetivos da leitura do livro de contos será promover as capacidades de apreciações estéticas e/ou afetivas e também de valores éticos e/ou políticos. Portanto, do mesmo modo que foi feito na etapa da leitura de crônicas, o professor utiliza o título para realizar perguntas que ativem o conhecimento prévio dos alunos, como “você já ouviu falar em tecelagem?”, “o que você entende por tecelã?”, “e o ato de tecer, o que significa?”, “tem alguém na família de você que usa alguma técnica de artesanato para tecer?”, “e você, já tentou tecer algo?”; por exemplo.

Após deixar que os alunos se conectem com essas memórias, apenas pensando ou compartilhando brevemente, mesmo que falando ao mesmo tempo, pois isso também favorece o processo, pode-se dar início a leitura. Como feito com o livro de crônicas, desta vez também se faz necessário que cada aluno possa acompanhar a leitura com seu próprio exemplar. Caso não seja possível organizar a aula de modo que cada aluno possua seu próprio livro, o professor pode distribuir algumas cópias impressas, enquanto lê no livro; e após a leitura pode deixar que os alunos o folheiem e contemplem as ilustrações.

Durante a leitura, é importante que o professor faça pausas em trechos estratégicos para auxiliar na formulação de hipóteses, como, por exemplo, quando a moça tece um peixe para matar a fome, o professor pode perguntar se os alunos acreditam que aquilo é possível, assim eles vão criando expectativas sobre o poder do tear; também quando a moça se sente só e resolve tecer uma companhia, pode-se perguntar aos alunos como imaginam que pode ser essa nova personagem; e no trecho em que, enquanto o marido dorme, a moça sobe silenciosamente as escadas para o tear, o professor pode questionar sobre qual será a atitude da moça nas próximas páginas.

Ao fim da leitura, após alguns segundos de intervalo para a assimilação do que acabaram de ler, deve-se realizar questionamentos que estimulem a capacidade de crítica dos alunos diante dos acontecimentos do conto, a fim de reconhecer a importância de elaborar compreensões estéticas e morais sobre o que se lê, mesmo em contos de fadas. Pode ser que não seja necessário realizar tantas perguntas, já que os próprios alunos tendem a expressar indignação, desapontamento, satisfação,

etc. ao descobrir o desfecho de uma narrativa. Por isso, sugerimos apenas quatro perguntas que irão desencadear as capacidades que almejamos alcançar: “Vocês acham que a moça tinha um dom especial? E ela usava esse dom para favorecer a todos ou apenas a si mesma?”, “Como vocês entenderam a atitude da moça em desfazer até o próprio companheiro?”, “Você consegue imaginar como teria agido se estivesse no lugar da personagem?”. Com essas perguntas, espera-se levantar questionamentos internos e que se discuta desde a responsabilidade sobre as tomadas de decisões até o estigma de que todos os homens são maldosos e corrompem suas esposas.

Ao fim da conversa, que pode ser determinada pelo professor para não se delongar, pois o fundamental é suscitar os questionamentos, o professor explica que esses sentimentos despertados em relação ao texto, enquanto liam e depois de ler, são capacidades de leitores proficientes, as quais se chamam capacidades de apreciação estética e moral - para resumir - e que devem ser estimuladas em cada leitura que realizarem, pois assim poderão compreender os textos com maior facilidade e eficiência, aprendendo a desenvolver opiniões sobre o que leem e não aceitando tudo como verdade.

Para as próximas quatro aulas, que serão voltadas para a leitura de fruição, assim como na primeira etapa o professor seleciona um livro para que os alunos possam ler em sala de aula e também levar para casa. O ideal é que o livro não seja com contos de um único autor, mas sim uma seleção de autores variados, como por exemplo *Os Cem Melhores Contos do Último Século*, de Ítalo Moriconi, que reúne contos de temáticas, autores, estilos e tamanhos variados. Desse modo, o aluno começa a desenvolver e reconhecer suas particularidades como leitor e o estilo que mais o agrada.

Novamente, pouco antes do fim de cada uma dessas quatro aulas, é necessário que o professor pergunte como os alunos estão se saindo com as leituras, se conseguem perceber as habilidades de leitor que foram trabalhadas nas aulas anteriores, se conseguem ler em casa, se indicaram algum dos livros pra alguém, etc.; lembrando de deixar também que conversem entre si, compartilhando livremente suas impressões com seus colegas.

Na última etapa, serão trabalhadas a avaliação de leitura e capacidade de síntese, portanto, para essa etapa, selecionamos o livro *Ana Z, aonde vai você?*, novamente da autora Marina Colasanti. A escolha se deu por dois motivos, sendo o

primeiro o gênero do livro, a novela, que, apesar de ser uma narrativa longa, possui poucos núcleos; e segundo pela temática apresentada, que remete a passagem da infância à adolescência pela personagem a partir de uma abordagem lúdica.

Como nas outras etapas, a primeira aula é dedicada a definição dos objetivos, ativação de conhecimentos prévios, elaboração de hipóteses e leitura seguida da explicação de novas estratégias e capacidades de leitura. Um dos objetivos a ser alcançado, além da utilização das estratégias a serem explicadas pelo professor, é identificar o tema central da narrativa, que pode não ser facilmente reconhecido por um leitor que não esteja preocupado em fazê-lo.

Após a definição dos objetivos de leitura, pode-se iniciar a retomada dos conhecimentos dos alunos referentes ao nome do livro, aos elementos presentes na capa, como também o professor pode fazer perguntas que, durante a leitura, os alunos vão relacionar com o que conversaram na ativação dos conhecimentos prévios, como, por exemplo “você sabem o que é e para que serve um poço?”, “já viram alguma mina pessoalmente ou na televisão?”, “como são os peixes que você conhece”. Todos esses elementos vão sendo apresentados na narrativa de uma maneira misturada com realidade e fantasia a partir da visão da personagem, tanto na ida, quanto na volta de sua aventura poço adentro, portanto é relevante retomar os conceitos dos alunos referentes a esses elementos para também já começarem seus processos de formulação de hipóteses.

Em seguida, o professor dá início a leitura do primeiro capítulo enquanto cada aluno acompanha em seu livro. Dessa vez, não há necessidade de fazer pausas durante a leitura. Findando o primeiro capítulo, dá-se o intervalo para a assimilação do que foi lido e já se pode iniciar o processo de compreensão do que foi lido até o momento, porém, dando enfoque a capacidade de síntese, que é a de explicar em poucas palavras a ideia ou contexto geral do que foi lido. Nesse momento, o professor pode deixar que vários alunos expressem suas considerações e compreensões e então explica que essa explicação breve do assunto lido chama-se síntese e é de extrema importância para a compreensão do que foi lido e também para comunicar aquilo a outros. Nesse caso, orienta que ao fim de cada capítulo lido, os alunos façam pequenas sínteses em uma folha e que a deixem sempre no meio do livro, pois assim poderão retomar a leitura sem precisar ficar voltando páginas e também será mais fácil contar aos colegas e ao professor, nas próximas aulas, em que ponto está da leitura e qual a parte que mais gostou.

Nas próximas três aulas procede-se da mesma maneira que nas etapas anteriores, oferecendo aos alunos momentos de leitura de apreciação, buscando organizar a aula de maneira confortável e descontraída, e conversando sobre como estão as leituras, buscando saber se estão compreendendo, realizando explicações e orientações necessárias, etc. Diferente da outra etapa, a última aula não será utilizada para leitura de fruição, mas para a compreensão da última capacidade a ser aprendida, a capacidade de avaliação da leitura, a qual precisa ser feita tanto pelos alunos, em relação a suas próprias leituras, quanto pelo professor, sobre como foi a experiência do clube de leitura e quais avanços pode notar em seus alunos com relação a prática de leitura.

Para avaliar a própria leitura, o professor orienta o aluno a, primeiramente, pensar a respeito de como tem sido sua prática desde o início do clube, como foi seu comprometimento, se ele acha que tem melhorado sua relação com o ato de ler ou se não notou uma diferença significativa, se acha que as leituras realizadas foram importantes para ele, se aprendeu coisas novas com o que leu, etc. A partir dessa reflexão, que pode acontecer de maneira individual ou coletiva, pois os alunos tendem a compartilhar sentimentos e buscar empatia dos colegas, o professor vai realizar sua própria avaliação de como funcionou ou não o desenvolvimento do clube do livro, o que pode ser melhorado, o que deu certo, etc. E para finalizar todas as atividades, há algumas possibilidades que podem ser realizadas para tornar a experiência ainda mais significativa para os alunos e para a comunidade escolar, como, por exemplo, a realização de colagens para contar as histórias que mais gostaram, organizar um mural de sugestões de leitura, em que os alunos expõem suas sínteses para indicar os textos ou livros que acham que os colegas vão gostar de ler, entre tantas outras possibilidades que podem vir a acrescentar a experiência literária desses alunos.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aquisição do gosto pela leitura pode ser um processo longo e desafiador, principalmente levando em conta a realidade das salas de aula e dos alunos, bem como o lugar de relevância que a leitura literária ocupa em nossa sociedade.

Por mais que hoje em dia seja muito mais prático ter acesso à literatura, precisando de apenas alguns cliques, para boa parte da sociedade, principalmente a que está no início da formação de seu intelecto e senso crítico, essa realidade não é tão palpável. Por isso, para a realização deste trabalho buscamos levar para a sala de aula a tarefa de possibilitar o acesso dos alunos de escola pública à literatura.

Apesar de ser reconhecida como um bem essencial a vida, a literatura segue sendo privilégio das classes mais favorecidas da sociedade, o que limita e prejudica a percepção das classes baixas sobre o sistema do qual fazem parte e sobre como a história interfere na sua própria constituição como sujeito social. Mais uma vez, cabe à escola também proporcionar aos seus alunos esse tipo de tomada de consciência.

Durante a pesquisa, pode-se perceber a necessidade de novas investigações sobre a relação dos alunos da educação básica com a leitura literária, principalmente para o ensino fundamental, pois as poucas pesquisas encontradas para gerar um aporte teórico eram, na maioria, voltadas para alunos de ensino médio, período em que já se preocupam em realizar leitura obrigatórias para ENEM e vestibulares.

O que ainda se pode considerar como um dos principais problemas em relação ao tema pesquisado é a falta de compreensão que as classes menos privilegiadas têm da importância da literatura. Não há o entendimento de que a literatura forma caráter, auxilia na ascensão social, possibilita momentos de lazer ao mesmo tempo em que instrui e, infelizmente, muitas pessoas menos instruídas tendem a relacionar a leitura literária com perda de tempo.

Pensando em acrescentar um pequeno tijolo na construção dessa necessária tomada de consciência, de reconhecer e reivindicar o direito à literatura como bem incompressível, é que se deu forma à proposta do Clube de Leitura para o ambiente escolar e para alunos ainda no início na formação dos seus gostos, prazeres e interesses. Entendemos, com essa pesquisa, que é imprescindível que se insista na oferta e na garantia da formação de leitores competentes no ambiente escolar, já

que para muitos alunos de escola pública e aí que se tem a única oportunidade para isso.

Desse modo, esperamos que com essa proposta de trabalho, a qual foi elaborada a partir de muita investigação e anseio por melhorias no ensino de Língua Portuguesa e Leitura, possamos instigar ainda mais o movimento dos professores e das entidades responsáveis pelo ensino público para que o trabalho com leitura ganhe a relevância necessária dentro da sala de aula, para que nossos alunos não sigam fadados a associar leitura a exercícios de gramática e linguística, mas sim a um mundo de possibilidades encantadoras e formadoras do ser social.

Nota da autoria: Assim como muitos alunos deixaram de ter suas refeições equilibradas com a paralização das aulas durante a pandemia da Covid19, pois a escola era o único momento em que se tinha acesso a alimentação de qualidade, esses mesmos e muitos outros deixaram de ter o mínimo acesso que lhes era permitido para a leitura, o entretenimento e a possibilidade de fabular.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. 8. ed. São Paulo: Parábola, 2003.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1998. 106p.
- CANDIDO, A. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. **Direitos humanos e Literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CAVALCANTI, J. Ler e Ser – Literatura e Construção de sentido. **Revista Sociopoética**. Campina Grande – PB, v. 1, n. 15, p. 04-28, jul/dez. 2015.
- KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 15. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.
- LIMA, L; REIS, M. da G. M. dos. O ensino de literatura na educação básica e a formação do leitor. **Cadernos CIMEAC**. Uberaba – MG, v. 6. n. 2, p. 39-52. 2016.
- LOPES, J. J. Oficina de leitura: uma alternativa prática no domínio da linguagem. **Revista Entrepalavras**. Fortaleza, v.3, n.1, p. 358-366, jan/jul. 2013.
- MENEGASSI, R. J; ANGELO, C. M. P. Conceitos de leitura. In: **Leitura e Ensino**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2010, p. 15-40.
- OLIVEIRA, G. R. de. **As práticas de leitura literária de adolescentes e a escola: tensões e influências**. 2013. 377 pg. Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- OLIVEIRA, T. A; ARAÚJO, L. A. M. **Tecendo linguagens: língua portuguesa: 7ºano**. 5. Ed. Barueri, SP: IBEP, 2018.
- OLIVEIRA, R. L. de. A inadequada escolarização do texto literário. Revista Direcional Educador, 2008. Disponível em <http://www.uesc.br/icer/artigos/ainadequada.pdf>. Acesso em: 02 ago 2020.

PORTO, A. P. T; PORTO, L. T. O espaço do texto literário na Base Nacional Comum Curricular na etapa do Ensino Fundamental. **Revista Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 43, n. 78, p. 13-23, set/dez. 2018.

ROJO, R. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. (Orgs.). **Leitura e escrita na formação de professores**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2002, p. 1-8.

SANTOS, L. W. dos. Leitura Literária na Escola. **Interdisciplinar**. Itabaiana – SE, v.21, p. 21-23, jul./dez. 2014.

SCHNEIDER, P. H. **Literatura, direitos humanos e educação literária: Uma análise da teoria de Antonio Candido sobre a função da Literatura**. 2017. 45 pg. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SOUZA, R. J. de; COSSON, R. Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula, 2011. Disponível em <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf> . Acesso em: 19 ago 2020.

Zilberman, R. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

## APÊNDICE

### PLANO DE AULA – CLUBE DE LEITURA ANA PAULA GHIZZO ALVES

<b>Nível de Ensino:</b> Ensino Fundamental	<b>Série/Turma:</b> 7º ano	<b>N.º de estudantes:</b> 25 aprox.
--	-------------------------------	--

<b>Tema:</b> Leitura literária e formação do leitor na escola	<b>Horas-aula programadas:</b> 15 hrs
---	--

**Objetivo Geral:** Desenvolver habilidades, capacidades e estratégias de leitura.

**Objetivos Específicos:**

- Estimular a prática de leitura no ambiente escolar e fora dele;
- Auxiliar a identificação e compreensão dos processos da leitura;
- Proporcionar momentos de leitura de fruição;
  
- Explicar e exemplificar as estratégias conhecidas como: Definição de objetivos de leitura, ativação de conhecimentos prévios, elaboração de hipóteses, checagem de hipóteses, apreciação e réplica - relações afetivas e políticas, avaliação de leitura, capacidade de síntese;
- Avaliar a relação dos alunos com a leitura literária;
- Contribuir para o repertório de leituras literárias de autores brasileiros;

**Encaminhamentos Metodológicos:**

**1ª ETAPA:** Leitura do livro de crônicas “Para gostar de ler vol. I”

**Estratégias:** Definição de objetivos, Ativação de conhecimentos prévios, Elaboração de hipóteses, Checagem de hipóteses.

**Aula 1:**

Antes de partir para o livro, é fundamental que professor e alunos estabeleçam os objetivos para aquela leitura, isso vai garantir que o aluno manipule o texto de modo a atingir os objetivos estabelecidos. Como o propósito do clube de leitura é a formação do leitor, um dos objetivos é justamente compreender os processos mentais que ocorrem no momento da leitura. Além

disso, também busca-se formar um leitor que enxerga prazer no ato de ler, por isso, outro objetivo a ser destacado é ler para se divertir e entreter.

A introdução do livro se ocupa de explicar aos alunos que o livro é um convite à leitura pelo prazer de ler, o que vai de encontro aos objetivos da proposta de leitura, e aborda também uma breve explicação sobre o gênero crônica, a qual é assinada pelos próprios autores das crônicas presentes no livro. A primeira aula de leitura dessa etapa é um bom momento para o professor ler essa parte com os alunos e, já que o enfoque da aula de leitura não é estudar o gênero, a explicação contida no livro é, por hora, suficiente.

É muito importante que cada aluno esteja em posse de um exemplar do livro, para que possam realizar a leitura a seu tempo e sem pressão por compartilhar o livro com o colega. Para tanto, caso não haja exemplares suficientes na biblioteca da escola, o professor deve se preparar previamente com empréstimo da biblioteca pública, comprando alguns exemplares ou comunicando os pais dos alunos, que tiverem condições de fazê-lo, a importância de adquirir um exemplar para seu filho.

Após ler a introdução, o professor deve fazer a leitura em voz alta da primeira crônica, que não precisa estar em ordem, mas nesse caso será literalmente a primeira. De acordo com Souza e Cosson (2011), é necessário apresentar aos alunos os esquemas mentais envolvidos no ato de ler e não apenas proporcionar momentos isolados de leitura individual. Por isso, segundo os autores, “um texto deve ser escolhido e sua leitura em voz alta iniciada com interrupções do próprio docente que, ao perceber uma habilidade de leitura, a comenta e a exemplifica aos alunos” (SOUZA e COSSON, 2011, P. 104).

Essa tomada de consciência das estratégias de leitura começa com a leitura do título do texto (ou livro), nesse caso a crônica “Hora de Dormir”, de Fernando Sabino. O professor inicia uma conversa que estimule os alunos a pensarem a respeito dos significados que esse título possui para eles e pode pedir que compartilhem o que imaginam lendo essa pequena frase. Esse é o momento de **ativação dos conhecimentos prévios**, estratégia fundamental para que o leitor estabeleça conexões com seus conhecimentos e aquilo que será lido, proporcionando melhor envolvimento e compreensão durante a leitura.

Nesse caso, espera-se que o aluno pense em coisas do tipo: *a hora que*

*costumo dormir, o que faço antes de dormir, tenho facilidade ou dificuldade para dormir, durmo sozinho no quarto ou divido o quarto com alguém, meus pais precisam me mandar pra cama ou sigo um horário estabelecido, etc.* Não é necessário fazer anotações, pois a prática de reativar memórias já garante que, durante a leitura, o aluno associe com o que estava lembrando momentos atrás. Durante esse processo, o aluno também começa a criar hipóteses sobre qual será a abordagem do texto sobre esse tema, o que acontece naturalmente quando o leitor vê o título de um texto ou a sinopse de um livro. Essas hipóteses também serão grandes responsáveis pelo engajamento do leitor e para a compreensão da leitura.

A partir daí, o professor pede aos alunos que cada um acompanhe no seu livro e dá início a leitura em voz alta. Para a aula de moldagem do leitor, é necessário que o professor faça essa leitura para poder exemplificar três, das 7 estratégias que serão trabalhadas no decorrer da propostas, além de proporcionar aos alunos a percepção de como é importante ter fluidez na decodificação e no respeito aos sinais gráficos para que a compreensão do texto seja facilitada.

Ao iniciar a leitura da crônica “Hora de dormir”, espera-se que o aluno associe as falas à imagem de uma criança e seu pai discutindo em frente a TV e comecem a lembrar de cenas semelhantes que aconteceram consigo ou com os colegas. Nesse momento também inicia-se o processo de verificação das hipóteses, confirmando ou abandonando-as a partir da sequência dos acontecimentos no texto.

Aproximadamente na metade da crônica, podendo ser antes ou ainda depois, novas hipóteses vão surgindo em relação ao desfecho que a história irá tomar. Aí pode acontecer os mais variados tipos de hipóteses a depender dos conhecimentos prévios de cada aluno. Nessa altura do texto, o que pode ser na linha 23 dessa crônica, é o momento do professor fazer uma pausa para que faça esse processo de checagem de hipóteses junto aos alunos, sem explicar, por enquanto, do que se trata, apenas perguntando, por exemplo, “você se identificaram com essa cena em algum momento até agora?”, “era sobre isso que vocês imaginaram que o texto ia falar?”, “o que vocês acham que vai acontecer? Será que o pai vai ceder ou o filho vai acabar se rendendo?”, “Vocês já ficaram acordados só pra poder contrariar seus pais?”. Na medida do possível, o

professor deve ouvir o que cada aluno tem a dizer e, mesmo que não seja viável que todos respondam, ou se alguns não quiserem responder em voz alta, o fato de acompanhar as respostas dos colegas também ativa sentimentos importantes para a troca de experiências entre os alunos e o texto.

Retoma-se a leitura e o professor pode realizar novas pausas ou não, de acordo com o que lhe parecer necessário e significativo. Ao fim do texto, alguns segundos de silêncio devem ser proporcionados para a contemplação dos alunos sobre o que acabaram de ler. Esse momento pode ser o que irá diferenciar uma leitura por obrigação de uma leitura por prazer, pois o período de apreciação é respeitado, mesmo que em um curto espaço de tempo.

Após o momento de apreciação, o professor pode mediar a compreensão a partir de algumas perguntas relacionadas ao contexto e também a alguns fatos isolados que considere pertinente comentar, como por *exemplo* “o que vocês acharam da história?”, “vocês acharam o menino mal criado, como o pai falou?”, “quando começamos a leitura, como você imaginou esse pai? Severo, compreensivo, querido...? E depois de terminar de ler?”, “você se identificou com esse menino em algum momento? Qual?”, “você costuma bater de frente com seus pais?”, dentre tantas outras perguntas que possam favorecer o envolvimento com o texto para a interpretação e compreensão.

O professor explica que durante a leitura foram utilizadas algumas estratégias que eles nem perceberam, mas que sempre utilizamos quando lemos e que são fundamentais para o sucesso da leitura. Então menciona as estratégias de definição de objetivos para a leitura, ativação dos conhecimentos prévios e elaboração e checagem de hipóteses, e estimula que os próprios alunos vão identificando em quais momentos utilizaram cada uma delas. Explica que toda vez que forem realizar uma leitura é importante que relembrem essas estratégias, mesmo que seja apenas leitura de entretenimento, pois assim aquilo que foi lido será melhor aproveitado de acordo com os objetivos.

### **Aulas 2,3,4 e 5:**

Para as próximas quatro aulas, deve-se proporcionar momentos que contemplem a leitura de fruição. Portanto, caso haja possibilidade, o professor pode levar os alunos ao bosque da escola, organizar assentos confortáveis na

biblioteca ou espalhar colchonetes na própria sala de aula, buscando remeter a prática de leitura a uma atividade de lazer, de descanso e deleite.

Pouco antes do término de cada aula, é necessário promover conversas sobre as leituras, perguntando *o que os alunos estão achando das crônicas, se o livro é como esperavam, se estão conseguindo ler em casa, se ainda conseguem perceber as estratégias que conheceram na primeira aula e também permitir, caso note esse exercício partir naturalmente dos alunos, que comentem aspectos do livro entre si*. Essas conversas serão fundamentais para o acompanhamento da evolução dos alunos e da eficiência, ou não, da proposta no decorrer das aulas destinadas ao clube de leitura.

Finalizando as aulas da primeira etapa, alguns alunos já terão terminado a leitura do livro e talvez outros ainda não o tenham feito, porém, como é um livro de crônicas, o fato de alguns alunos não o terem lido por completo não afetará sua passagem para a próxima etapa, pois o importante é que, dentro do seu ritmo e possibilidade, eles tenham aproveitado o aprendizado proporcionado por cada crônica lida. Esse aprendizado refere-se tanto às estratégias de prática de leitura quanto ao que é possível apreender a partir de cada texto.

## **2ª ETAPA: Leitura de contos**

### **Estratégias: Apreciação e Réplica – Elaboração de apreciação estética e ética**

#### **Aula 1:**

Na primeira das cinco aulas, como feito anteriormente, o professor inicia a conversa definindo objetivos e ativando conhecimentos prévios. O conto a ser lido pelo professor, para explicar as próximas estratégias a serem conhecidas pelos alunos, será o conto *A moça tecelã* de Marina Colasanti, no seu formato de livro. É fundamental que seja levado o livro físico e não apenas o conto impresso, pois assim os alunos já poderão associar o gênero com o que já conhecem como contos de fadas, expandindo o significado de conto e suas possibilidades. Outro fator importante para utilizar o livro *A moça tecelã* e não apenas uma impressão em sulfite, é apresentar aos alunos uma possibilidade de ilustração diferente das comuns, que carrega toda a simbologia da história, com riqueza de detalhes e a afetividade presente nas técnicas empregadas.

Como nessa etapa será dado enfoque às estratégias e capacidades de apreciação e réplica, um dos objetivos da leitura do livro de contos será promover as capacidades de apreciações estéticas e/ou afetivas e também de valores éticos e/ou políticos. Portanto, do mesmo modo que foi feito na etapa da leitura de crônicas, o professor utiliza o título para realizar perguntas que ativem o conhecimento prévio dos alunos, como *“você já ouviu falar em tecelagem?”*, *“o que você entende por tecelã?”*, *“e o ato de tecer, o que significa?”*, *“tem alguém na família de vocês que usa alguma técnica de artesanato para tecer?”*, *“e você, já tentou tecer algo?”*; por exemplo.

Após deixar que os alunos se conectem com essas memórias, apenas pensando ou compartilhando brevemente, mesmo que falando ao mesmo tempo, pois isso também favorece o processo, pode-se dar início a leitura. Como feito com o livro de crônicas, desta vez também se faz necessário que cada aluno possa acompanhar a leitura com seu próprio exemplar. Caso não seja possível organizar a aula de modo que cada aluno possua seu próprio livro, o professor pode distribuir algumas cópias impressas, enquanto lê no livro; e após a leitura pode deixar que os alunos o folheiem e contemplem as ilustrações.

Durante a leitura, é importante que o professor faça pausas em trechos estratégicos para auxiliar na formulação de hipóteses, como, por exemplo, *quando a moça tece um peixe para matar a fome, o professor pode perguntar se os alunos acreditam que aquilo é possível, assim eles vão criando expectativas sobre o poder do tear; também quando a moça se sente só e resolve tecer uma companhia, pode-se perguntar aos alunos como imaginam que pode ser essa nova personagem; e no trecho em que, enquanto o marido dorme, a moça sobe silenciosamente as escadas para o tear, o professor pode questionar sobre qual será a atitude da moça nas próximas páginas.*

Ao fim da leitura, após alguns segundos de intervalo para a assimilação do que acabaram de ler, deve-se realizar questionamentos que estimulem a capacidade de crítica dos alunos diante dos acontecimentos do conto, a fim de reconhecer a importância de elaborar compreensões estéticas e morais sobre o que se lê, mesmo em contos de fadas. Pode ser que não seja necessário realizar tantas perguntas, já que os próprios alunos tendem a expressar indignação, desapontamento, satisfação, etc. ao descobrir o desfecho de uma narrativa. Por

isso, sugerimos apenas quatro perguntas que irão desencadear as capacidades que almejamos alcançar: *“Vocês acham que a moça tinha um dom especial? E ela usava esse dom para favorecer a todos ou apenas a si mesma?”*, *“Como vocês entenderam a atitude da moça em desfazer até o próprio companheiro?”*, *“Você consegue imaginar como teria agido se estivesse no lugar da personagem?”*. Com essas perguntas, espera-se levantar questionamentos internos e que se discuta desde a responsabilidade sobre as tomadas de decisões até o estigma de que todos os homens são maldosos e corrompem suas esposas.

Ao fim da conversa, que pode ser determinada pelo professor para não se delongar, pois o fundamental é suscitar os questionamentos, o professor explica que esses sentimentos despertados em relação ao texto, enquanto liam e depois de ler, são capacidades de leitores proficientes, as quais se chamam capacidades de apreciação estética e moral - para resumir - e que devem ser estimuladas em cada leitura que realizarem, pois assim poderão compreender os textos com maior facilidade e eficiência, aprendendo a desenvolver opiniões sobre o que leem e não aceitando tudo como verdade.

### **Aulas 2,3,4 e 5:**

Para as próximas quatro aulas, que serão voltadas para a leitura de fruição, assim como na primeira etapa o professor seleciona um livro para que os alunos possam ler em sala de aula e também levar para casa. O ideal é que o livro não seja com contos de um único autor, mas sim uma seleção de autores variados, como por exemplo *Os Cem Melhores Contos do Último Século*, de Ítalo Moriconi, que reúne contos de temáticas, autores, estilos e tamanhos variados. Desse modo, o aluno começa a desenvolver e reconhecer suas particularidades como leitor e o estilo que mais o agrada.

Novamente, pouco antes do fim de cada uma dessas quatro aulas, é necessário que o professor pergunte como os alunos estão se saindo com as leituras, se conseguem perceber as habilidades de leitor que foram trabalhadas nas aulas anteriores, se conseguem ler em casa, se indicaram algum dos livros pra alguém, etc.; lembrando de deixar também que conversem entre si, compartilhando livremente suas impressões com seus colegas.

**3ª ETAPA: Leitura de Novela “Ana Z, aonde vai você?”, Marina Colasanti****Estratégias: Avaliação de leitura e capacidade de síntese.****Aula 1:**

A escolha da obra se deu por dois motivos, sendo o primeiro o gênero do livro, a novela, que, apesar de ser uma narrativa longa, possui poucos núcleos; e segundo pela temática apresentada, que remete a passagem da infância à adolescência pela personagem a partir de uma abordagem lúdica.

Como nas outras etapas, a primeira aula é dedicada a definição dos objetivos, ativação de conhecimentos prévios, elaboração de hipóteses e leitura seguida da explicação de novas estratégias e capacidades de leitura. Um dos objetivos a ser alcançado, além da utilização das estratégias a serem explicadas pelo professor, é identificar o tema central da narrativa, que pode não ser facilmente reconhecido por um leitor que não esteja preocupado em fazê-lo.

Após a definição dos objetivos de leitura, pode-se iniciar a retomada dos conhecimentos dos alunos referentes ao nome do livro, aos elementos presentes na capa, como também o professor pode fazer perguntas que, durante a leitura, os alunos vão relacionar com o que conversaram na ativação dos conhecimentos prévios, como, por exemplo *“você sabem o que é e para que serve um poço?”*, *“já viram alguma mina pessoalmente ou na televisão?”*, *“como são os peixes que você conhece”*. Todos esses elementos vão sendo apresentados na narrativa de uma maneira misturada com realidade e fantasia a partir da visão da personagem, tanto na ida, quanto na volta de sua aventura poço adentro, portanto é relevante retomar os conceitos dos alunos referentes a esses elementos para também já começarem seus processos de formulação de hipóteses.

Em seguida, o professor dá início a leitura do primeiro capítulo enquanto cada aluno acompanha em seu livro. Dessa vez, não há necessidade de fazer pausas durante a leitura. Findando o primeiro capítulo, dá-se o intervalo para a assimilação do que foi lido e já se pode iniciar o processo de compreensão do que foi lido até o momento, porém, dando enfoque a capacidade de síntese, que é a de explicar em poucas palavras a ideia ou contexto geral do que foi lido. Nesse momento, *o professor pode deixar que vários alunos expressem suas considerações e compreensões e então explica que essa explicação breve do assunto lido chama-se síntese e é de extrema importância para a compreensão*

*do que foi lido e também para comunicar aquilo a outros.* Nesse caso, orienta que ao fim de cada capítulo lido, os alunos façam pequenas sínteses em uma folha e que a deixem sempre no meio do livro, pois assim poderão retomar a leitura sem precisar ficar voltando páginas e também será mais fácil contar aos colegas e ao professor, nas próximas aulas, em que ponto está da leitura e qual a parte que mais gostou.

### **Aulas 2, 3 e 4:**

Nas próximas três aulas procede-se da mesma maneira que nas etapas anteriores, oferecendo aos alunos momentos de leitura de apreciação, buscando organizar a aula de maneira confortável e descontraída, e conversando sobre como estão as leituras, buscando saber se estão compreendendo, realizando explicações e orientações necessárias, etc.

### **Aula 5:**

Diferente da outra etapa, a última aula não será utilizada para leitura de fruição, mas para a compreensão da última capacidade a ser aprendida, a capacidade de avaliação da leitura, a qual precisa ser feita tanto pelos alunos, em relação a suas próprias leituras, quanto pelo professor, sobre como foi a experiência do clube de leitura e quais avanços pode notar em seus alunos com relação a prática de leitura.

Para avaliar a própria leitura, o professor orienta o aluno a, primeiramente, pensar a respeito de como tem sido sua prática desde o início do clube, como foi seu comprometimento, se ele acha que tem melhorado sua relação com o ato de ler ou se não notou uma diferença significativa, se acha que as leituras realizadas foram importantes para ele, se aprendeu coisas novas com o que leu, etc. A partir dessa reflexão, que pode acontecer de maneira individual ou coletiva, pois os alunos tendem a compartilhar sentimentos e buscar empatia dos colegas, o professor vai realizar sua própria avaliação de como funcionou ou não o desenvolvimento do clube do livro, o que pode ser melhorado, o que deu certo, etc.

E para finalizar todas as atividades, há algumas possibilidades que podem ser realizadas para tornar a experiência ainda mais significativa para os alunos e

para a comunidade escolar, como, por exemplo, a realização de colagens para contar as histórias que mais gostaram, organizar um mural de sugestões de leitura, em que os alunos expõem suas sínteses para indicar os textos ou livros que acham que os colegas vão gostar de ler, entre tantas outras possibilidades que podem vir a acrescentar a experiência literária desses alunos.

**Recursos:**

Livros, colchonetes, espaço escolar externo, biblioteca, caderno, lápis e caneta.

**Avaliação:**

O processo avaliativo se dará no decorrer de todas as 15 aulas, de acordo com o andamento da proposta. Ao fim das 3 etapas, fica a critério do professor realizar uma atividade escrita. Nossa sugestão é que seja realizado um mural no qual os alunos possam publicar pequenas sínteses sobre livros ou textos que gostariam de indicar para a comunidade escolar.

**Bibliografia:**

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro e interação*. 8. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1998. 106p.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 15. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

LOPES, João José. Oficina de leitura: uma alternativa prática no domínio da linguagem. *Revista Entrepalavras*. Fortaleza, v.3, n.1, p. 358-366, jan/jul. 2013.

MENEGASSI, Renilson José; ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro. Conceitos de leitura. In: *Leitura e Ensino*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2010, p. 15-40.

ROJO, Roxane. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. (Orgs.). **Leitura e escrita na**

**formação de professores.** Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2002, p. 1-8.